

CIA DE ARTE ALESE: TEATRO E A CIDADANIA NA CASA DO POVO DE SERGIPE

Olívia Camboim Romano¹

Resumo: Este artigo analisa o trabalho desenvolvido pela Cia de Arte Alese em seus cinco anos de atividades, desde 2015, sobretudo, nas escolas de Sergipe. Os dados foram coletados em fontes como: as sinopses dos relatórios da companhia, a entrevista concedida por Mônica Moreira no Ciclo de entrevistas on-line: o teatro sergipano contemporâneo, entre outros. Desde sua fundação, a companhia já se apresentou em mais de 50 municípios sergipanos, levou peças didáticas para povoados distantes, promoveu o primeiro encontro de centenas de pessoas com o teatro e, seguramente, contribuiu com a formação de público na região.

Palavras-chave: Cia de Arte Alese; Teatro Sergipano; Teatro e Cidadania; Formação de Público.

CIA DE ARTE ALESE: theater and citizenship in the Casa do Povo de Sergipe

Abstract: This article analyzes the work developed by *Cia de Arte Alese* in its five years of activities, since 2015, especially in schools in Sergipe. The data were collected from sources such as: the synopses of the company's reports, the interview granted by Mônica Moreira in the *Ciclo de entrevistas on-line: o teatro sergipano contemporâneo*, among others. Since its founding, the company has performed in more than 50 municipalities in Sergipe, took educational pieces to distant towns, promoted the first meeting of hundreds of people with the theater and, certainly, contributed to the formation of audience in the region.

Keywords: Cia de Arte Alese; Sergipano Theater; Theater and Citizenship; Audience Formation.

INTRODUÇÃO

A Cia de Arte Alese, vinculada à Escola do Legislativo (Elese) da Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese) - a “Casa do Povo” como é chamada, foi criada há cinco anos, em 2015, com o objetivo de despertar, sobretudo nos escolares, o espírito de cidadania, para os atentar sobre os seus direitos e deveres enquanto cidadãos e conscientizar os jovens sobre a relevância do engajamento nas questões políticas nacionais, estaduais e municipais.

Desde sua fundação, o projeto é coordenado por sua idealizadora, a produtora Mônica Moreira (Mônica Moreira de Carvalho), administradora com

¹ Universidade Federal de Sergipe (camboim.olivia@gmail.com).

especialização em economia, servidora do Estado de Sergipe, cedida à Alese, vinculada à Empresa Sergipana de Turismo (Emsetur) desde 1988. De acordo com entrevista concedida, via *Google Meet*, no *Ciclo de entrevistas on-line: o teatro sergipano contemporâneo*, no dia 17 de junho de 2020, Mônica Moreira atua com produção desde a época em que trabalhava na Emsetur, onde recebia artistas e jornalistas nacionais e internacionais e buscava estratégias para fomentar Sergipe como um destino turístico. Antes de criar a companhia, ela já tinha participado de oficinas de teatro com o Grupo Imbuauça (fundado em 1977), já tinha tido experiências como atriz em espetáculos teatrais como *Bicho M*, sob direção de Maicyra Leão, atuou no filme sergipano *Abrço*, um longa-metragem do diretor DF Fiuza e já tinha produzido o espetáculo local *Nós sem fim*, com os atores Bruno Kolvernek e Tinho Torquato, sob direção de Bruno Kolvernek e do iluminador Denys Leão. Quando ela foi cedida para a Alese, levou a proposta para a Alese de criação dessa companhia em que o teatro é tomado como uma ferramenta de comunicação com a comunidade; o projeto foi aceito e, assim, a Cia de Arte Alese nasceu em 1º de setembro de 2015.

Esse projeto, de acordo com os dados obtidos até o momento, é o primeiro dessa natureza nas Assembleias Legislativas do Brasil. Todos os atores e atrizes da Cia de Arte Alese são comissionados; mas, eles não possuem vínculo empregatício com a Alese. Atualmente, integram a companhia seis artistas: Mônica Moreira - idealizadora, fundadora e coordenadora do projeto, o ator Eden Brisio, o dramaturgo Euler Lopes - também integrante e criador do Grupo de Teatro A Tua Lona (fundado em 2010), o ator Felipe Mascarello, fundador da companhia e também membro do Boca de Cena (existente desde 2005), a atriz Lidhiane Lima - também integrante do Imbuauça e a atriz Talita Calixto, fundadora da companhia e também integrante do Imbuauça.

É interessante mencionar que todos os integrantes da companhia supracitados, com exceção da Mônica, passaram pela Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), embora ainda não tenham concluído o curso. A UFS, antes mesmo da criação do curso de Teatro, em 2007, teve, e ainda tem, um papel primordial para o desenvolvimento teatral da região, especialmente para a formação dos grupos de teatro em atividade. Desde o início da história da UFS, oficialmente criada em 1968, há registros da oferta de oficinas de iniciação teatral, encenação e pesquisa em teatro, sendo a professora e dramaturga Aglaé D'Ávila Fontes uma importante referência.

O FUNCIONAMENTO DA COMPANHIA

A Cia de Arte Alese é o único elenco oficial do Estado de Sergipe e, com base no *Ciclo de entrevistas on-line: o teatro sergipano contemporâneo*, em que foram entrevistados, em junho de 2020, via *Google Meet*, 21 dos principais teatros que atuam em Aracaju, seguramente, trata-se de uma das poucas companhias em que seus integrantes podem se dedicar somente ao teatro. Inclusive, pela condição de trabalho mais estável do que a dos demais grupos de Sergipe, a Cia de Arte Alese só participa de eventos na condição de convidada, a companhia não concorre nos editais que viabilizam algum financiamento ou cachê. Mônica Moreira destaca (2020) que, para a companhia, os demais grupos sergipanos, como o Imbuça, o Boca de Cena e o Caixa Cênica (inaugurado em 2002) são seus parceiros e seria injusto concorrer com eles.

Cabe mencionar que os principais eventos de teatro em Sergipe, na atualidade, são: o Festival de Artes de São Cristóvão (Fasc) e o Festival Sergipano de Artes Cênicas. O Fasc é patrocinado pela Prefeitura de São Cristóvão, em colaboração com o Governo do Estado, a UFS e outras entidades; o festival teve início na década de 1970, foi interrompido em 2005 e reativado em 2017. Em 2019, na 36ª edição do Fasc, a Cia de Arte Alese participou pela primeira vez do evento, com a peça *Balaio de Cantos, Contos e Encantos*. O Festival Sergipano de Artes Cênicas realizado pelo Governo do Estado, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe (FUNCAP), em 2019, realizou sua quinta edição.

Segundo o diretor e produtor Jorge Lins (Jorge Lins de Carvalho), fundador do grupo aracajuano Raízes (criado em 1973), que faz teatro em Sergipe há 50 anos, a falta de recursos financeiros é uma das maiores dificuldades enfrentadas pela classe artística local.

O maior problema que eu enxergo é a falta de dinheiro para manter os teatros que temos aqui na capital. É uma luta muito grande. [...]. O problema é que não existe uma política cultural de gestão na área cultural com financiamentos, com apoio aos grupos teatrais. [...] O estado necessita de um trabalho de gestão cultural, de uma verba específica para o investimento cultural. (CARVALHO apud MELO, 2020)

A Cia de Arte Alese, devido ao cotidiano intenso de trabalho, requer de seus integrantes dedicação, disponibilidade e muita versatilidade. Segundo a coordenadora do projeto, no mês de outubro, por exemplo, devido ao Dia da

Criança (comemorado no Brasil, comumente, em 12 de outubro), eles são muito requisitados, chegam a fazer 40 apresentações no mês e viajam muito.

Nós temos, na Assembleia, um roteiro em que não podemos viajar todos os dias. [...] Por quê? Por questões de combustível, de despesas de viagem. Então, a gente faz [...] oito apresentações no interior por mês. Na capital, nós podemos nos apresentar todos os dias. Mas, no interior, precisamos de seguro, porque está todo mundo no carro, é uma viagem a trabalho, implicam muitas coisas. [...] Eu tenho que comunicar quem vai viajar, para onde vamos, a quilometragem, prestar contas do combustível, essas coisas todas. Porque, Deus nos livre, mas se acontece alguma coisa, nós estamos monitorados, digamos assim. Então, a gente faz oito viagens para o interior por mês, geralmente nas terças e quintas-feiras; nas segundas-feiras, estamos na sede; nas quartas e sextas-feiras, nos apresentamos na capital, em Aracaju ou na Região Metropolitana de Aracaju [Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão]. (CARVALHO, 2020).

Os integrantes da companhia recebem uma remuneração fixa mensal, e se apresentam, gratuitamente, prioritariamente, em lugares públicos, como escolas e entidades; inclusive, se requisitados, participam com intervenções artísticas e esquetes em Sessões Plenárias da Alese. Eles não ganham por apresentação, suas comissões são fixas. Eles vão aonde forem chamados, inclusive para povoados distantes e de difícil acesso. Essas viagens são realizadas num automóvel do Governo do Estado que a companhia chama carinhosamente de “carmarim”; pois, como o apelido indica, o carro além de facilitar a locomoção da equipe e transportar figurinos, cenários, aparelhagem de som, microfones etc., também serve de camarim.

Cabe dizer que, no primeiro ano do projeto, inclusive para provar a viabilidade da proposta para os gestores da instituição, eles usaram o carro particular da Mônica Moreira; posteriormente, a Alese disponibilizou um carro locado e, atualmente, a Cia de Arte Alese tem um carro específico, sem motorista, evidentemente.

[...] hoje a gente tem o nosso “Carmarim”, um [Fiat] Doblò, todo plotado; onde a gente está com o carro, todo mundo está vendo que estamos ali a trabalho. Não temos como passar despercebidos e a ideia é essa mesma. Nos param e perguntam: ‘Que projeto é esse?’. A Assembleia Legislativa é que custeia. [...] existe todo um controle. [...] quando a gente precisa ir para um município distante, recebemos uma ajuda de custo para alimentação e hospedagem;

mas, em geral, viajamos apenas em Sergipe. A única vez que nós ficamos 12 dias sem voltar para casa é na turnê do mês da criança [em outubro]. Essa é uma loucura. A gente faz duas ou três apresentações por dia. [...] (CARVALHO, 2020).

Para a viabilidade do projeto, todos os membros da companhia são responsáveis por todas as funções, são polivalentes, fazem o cenário, a direção, a dramaturgia, o figurino, a fotografia, a iluminação, a operacionalização técnica, a sonoplastia etc. Euler Lopes, dramaturgo de destaque na cena teatral aracajuana contemporânea, recém chegado na Cia de Arte Alese, por exemplo, está, sobretudo na dramaturgia, mas também faz produção, ajuda a montar o cenário junto com os atores quando chegam num espaço de apresentação, opera o som, enfim. Destarte, apesar de certa distribuição de funções, em algumas produções, a companhia, ancorada no bom entrosamento de seus integrantes, aposta na ideia da “criação coletiva” (CARVALHO, 2020) nos processos de elaboração de suas peças teatrais, esquetes e intervenções artísticas. Sendo que, a autoria de todas as obras é deles.

Entendemos que, de acordo com cada processo de elaboração, há uma combinação de colaborativo e coletivo no que a companhia nomina de criação coletiva. Segundo as palavras da coordenadora do projeto, “No momento em que sentamos para criar, todos participam. A gente gosta muito dessa ideia da criação coletiva, porque todos nós temos como colaborar” (CARVALHO, 2020). Contudo, especialmente nas criações das peças teatrais, o trabalho se aproxima muito mais de um processo colaborativo do que de uma criação coletiva propriamente dita, como, por exemplo, em *Balaio de Cantos, Contos e Encantos* (2019), em que a dramaturgia foi escrita por Lidhiane Lima, o cenário e o arranjo musical foram feitos por Eden Brisio e o figurino foi confeccionado pela Talita Calixto. Por conseguinte, percebemos nessa “criação coletiva” a conservação de funções e distribuições de tarefas que são características dos processos colaborativos.

De acordo com a pesquisadora Stela Fischer,

[...] Conceitualmente, entende-se por processo colaborativo o procedimento de grupo que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas, sob uma perspectiva democrática ao considerar o coletivo como principal agente de criação e aglutinação de seus interesses. Essa dinâmica propõe um esmaecimento das formas hierárquicas de organização teatral, embora com imprescindível delimitação de áreas de trabalho e

delegação de profissionais que as representam. Ao estabelecer um organismo no qual todos os responsáveis pelos diversos campos partilham de um plano de ação comum, o trabalho em equipe baseia-se no princípio de que todos têm o direito e o dever de contribuir com a finalidade artística e manutenção das equipes de trabalho. [...] (FISCHER, 2010, p. 61-62, grifo nosso).

De todo modo, segundo Mônica Moreira (2020), excepcionalmente, algumas criações da companhia não são coletivas, como, por exemplo, o *Auto de Natal Sergipano*, apresentado na Praça Fausto Cardoso, durante a 5ª edição da Cantata de Natal, no dia 09 de dezembro de 2019, e na Praça Camerino, no Natal da Gente Sergipana, realizado pelo Governo de Sergipe e pelo Instituto Banese, através do Museu da Gente Sergipana, no dia 16 de dezembro de 2019. A coordenadora explica que, como a Cia de Arte Alese estava em turnê, com a agenda lotada, Euler Lopes assinou a dramaturgia do auto natalino, a confecção dos figurinos foi terceirizada, e o grupo contou com colaboradores externos como Denis Leão, que assumiu a direção geral, e Irineu Fontes, responsável pela direção musical e pelas músicas compostas por ele próprio.

De acordo com as sinopses dos relatórios da Cia de Arte Alese, cedidas pela Mônica Moreira, desde sua fundação, em todos os finais de ano, a companhia apresenta algo que aborde o tema do Natal, entre 2016 e 2018, eles realizaram intervenções natalinas e, recentemente, em 2019, investiram em uma obra mais elaborada, ou seja, um auto natalino.

Como sabemos, os autos teatrais são composições dramáticas medievais, de origem portuguesa e espanhola, apresentados em espaços fechados (igrejas, por exemplo) e em locais abertos (feiras, praças etc.), que abordam, de forma breve, principalmente, temas religiosos, com a finalidade de difundir a fé cristã. No Brasil, os autos chegaram com a Companhia de Jesus - os jesuítas, em meados do século XVI, como recurso pedagógico para a catequização dos índios e a manutenção da fé nos colonos; sendo que, o padre José de Anchieta (1534 - 1597) foi autor de vários autos.

A encenação de autos natalinos e peças que tratam do nascimento de Jesus Cristo é recorrente entre os grupos teatrais aracaajuanos. Inclusive, o *Reisado*, folguedo tradicional sergipano desde o período colonial (século XVI) é uma comemoração ao nascimento do menino Jesus e aos Reis Magos. Dentre os grupos teatrais locais, no final de 2019, foi apresentado, por exemplo, o musical *Um sonho de Natal*, da Cia das Artes Tetê Nahas e no evento Natal da Gente

Sergipana, além do já mencionado *Auto de Natal Sergipano* da Cia de Arte Alese, fizeram parte da programação *Tá Caindo Fulô: Auto do Deus Menino* do Imbuuçã e *Pastoril de Cheiroso* do Mamulengo de Cheiroso. Aliás, as comemorações natalinas, desde as antigas “Feirinhas de Natal” do Parque Teófilo Dantas, como recorda Murilo Mellins (2013), são uma tradição em Aracaju, desde meados do século XIX, quando foi fundada a nova capital do estado de Sergipe.

Segundo a idealizadora da Cia de Arte Alese, “todas as nossas peças têm a vertente de educar. Portanto, sempre fizemos parcerias com órgãos do Estado que necessitam levar alguma informação para a comunidade em geral” (CARVALHO, 2020). A companhia se empenha em abordar temas pertinentes ao seu público e criar esquetes, intervenções artísticas e peças teatrais autorais que correspondam às demandas trazidas pela própria Alese, pelos gestores, pelos professores das escolas em que ela se apresenta e pelos próprios espectadores.

[...] Nós temos uma demanda gerada pela própria Assembleia Legislativa. [...] essa demanda nos vem, nós criamos os esquetes e apresentamos no plenário. [...] Como é que nós fazemos o repertório das nossas peças de teatro? Junto às escolas. Todos os lugares que nós vamos apresentar, sempre chega, isso é unânime, algum educador e fala: “Olha, vocês precisam fazer uma peça que aborde tal tema.” [...]. A gente vai fazendo as peças de acordo com aquilo que a gente realmente, durante o ano, percebe a necessidade. Isso a gente vai anotando mesmo. “[...] o campeão de solicitação desses educadores foi tal assunto.” E nós temos que prestar muita atenção, porque quem está na sala de aula é o professor. A gente passa ali duas horas, três horas no máximo, e vai embora para outra apresentação; mas é o professor que está ali no dia a dia e é ele que sabe quais são os problemas daquela comunidade, que aquela escola está apresentando. Eles entendem a importância do teatro como ferramenta para poder trazer o entendimento e discernimento sobre determinado assunto [...] (CARVALHO, 2020).

Trata-se, sem dúvida, de um teatro didático. Segundo o teórico francês Patrice Pavis,

É didático todo teatro que visa instruir seu público, convidando-o a refletir sobre um problema, a entender uma situação ou a adotar uma certa atitude moral ou política. [...] Foram feitas inúmeras experiências no século XIX, na Europa, ou hoje, no Terceiro

Mundo, para fazer com que um público desfavorecido [...] conheça uma arte muitas vezes difícil e cuja contribuição para uma transformação social é esperada por artistas e intelectuais. (2005, p. 386-387)

Suas criações tratam de pautas importantes para a Assembleia Legislativa, para a comunidade em geral e, inclusive, dialogam com os conteúdos curriculares. Seus esquetes, peças e intervenções tratam de temas como: o papel da Assembleia Legislativa, a preservação do meio ambiente, o combate à violência contra as crianças, mulheres e idosos, o combate aos cânceres de mama e próstata, a homofobia, a importância da leitura, o racismo, os riscos do consumo de drogas, a valorização das manifestações folclóricas sergipanas etc. A expectativa é que, dentre outras questões, o teatro contribua com o processo de ensino-aprendizagem dos escolares, “[...] despertando sentimentos e valores em crianças e jovens acerca de temas que permeiam o ambiente escolar, bem como temas do cotidiano que possam ampliar o conhecimento de forma ampla e integral” (BOTTO, 2019).

A companhia, por exemplo, já fez parcerias com a Secretaria de Estado da Saúde (SES) e com a Fundação Estadual de Saúde (Funesa) em campanhas de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, transmissor da Dengue, Zica e Chikungunya. Após apresentação para cerca de 100 crianças da Escola Municipal José Romão do Nascimento, dia 04 de maio de 2016, no município de Areia Branca, Mônica Moreira relatou o seguinte: “Percebi que as crianças tiveram um entendimento maior sobre a importância dos cuidados com a água parada” (apud BOTTO, 2016). Na peça *De Opará ao Velho Chico* (2016), estreada no 26º Festival de Inverno de Garanhuns - FIG (PE), a companhia tratou sobre a necessidade de preservação da natureza e das riquezas naturais brasileiras ao contar a história do rio São Francisco.

Em geral, o grupo fica em turnê um ano com uma mesma peça teatral e, desde 2016, estreiam essa peça no FIG, em Pernambuco. Assim, em 2016 estrearam *De Opará ao Velho Chico* no 26º FIG; em 2017, *As Aventuras da Leitura* na 27ª edição do FIG; em 2018, *Como a gente aprende* no 28º FIG; em 2019, *Balaio de Cantos, Contos e Encantos* no 29º FIG.

Atualmente, as peças em repertório da companhia são *As Aventuras da Leitura* (2017) e *Balaio de Cantos, Contos e Encantos* (2019); além do esquete *Maria da Penha, uma vida de luta*, de 2017. Na peça *As Aventuras da Leitura*, a companhia aborda a importância da leitura ao contar da história de Cacau, uma

criança conectada às redes sociais que, certo dia, tem um encontro surpreendente com um personagem que lhe proporciona uma viagem fantástica pelo universo da leitura. De acordo com depoimento de Maria Denilza, professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual João Salônio, em Nossa Senhora Aparecida, “Estou muito contente com a apresentação do teatro da Alese, porque eles trouxeram além da cultura do teatro, o ensinamento sobre a importância da leitura, usando o lúdico para levar os alunos à reflexão sobre a leitura. É algo fantástico” (apud BOTTO, 2019). Em *Balaio de Cantos, Contos e Encantos*, a companhia se utiliza da linguagem do cordel e de ditados populares para tratar das diferentes manifestações folclóricas sergipanas que tem brincantes, tocadores e grupos de destaque em muitos municípios; assim, mencionam os folguedos, e seus personagens, como a *Chegança*, os *Parafusos*, a louvação do *Reisado*, entre outros.

Maria da Penha, uma história de luta é, segundo a idealizadora da companhia, o esquete mais requisitado (CARVALHO, 2020). Nesse trabalho, a Cia de Arte Alese aborda o tema da violência contra a mulher, ao contar a história de batalha e sobrevivência da cearense Maria da Penha Maia Fernandes - que deu nome à Lei 11.340/2006 (popularmente conhecida como Lei Maria da Penha), uma mulher, farmacêutica bioquímica e Mestre em Parasitologia em Análises Clínicas, que em 1983 sofreu dupla tentativa de feminicídio por parte de seu esposo, na época, Marco Antonio Heredia Viveros, e, em decorrência dessa brutal violência doméstica, ficou paraplégica.

O grupo possui ainda esquetes sobre outros temas, que são apresentados apenas uma vez por ano, como o esquete sobre a professora laranjeirense Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro (1878-1942), fundadora, em Aracaju, no ano de 1906, do primeiro educandário feminino sergipano e, posteriormente, em 1934, a primeira deputada estadual de Sergipe eleita. A companhia tem também um esquete sobre Araceli Cabrera Crespo, a menina de apenas oito anos de idade que foi raptada, estuprada e brutalmente assassinada em Vitória (ES) e, após 47 anos, o crime permanece sem solução e, há alguns anos, foi arquivado pela Justiça.

A FORMAÇÃO DE PÚBLICO

A partir do levantamento dos trabalhos da Cia de Arte Alese, anteriormente apresentado, podemos dizer que a companhia, sobretudo, junto às escolas públicas, está propiciando a aproximação de inúmeros jovens estudantes com a

arte do teatro. Inclusive, grande parte das crianças sergipanas estabelecem o primeiro encontro com o teatro por meio da escola, como confirma o seguinte depoimento de Mônica Moreira: “[...] antes de começar o espetáculo, eu falo do projeto [...] e sempre pergunto: ‘Quem aqui já assistiu a uma peça de teatro?’ Nós já chegamos em vários lugares que ninguém levantou a mão, não foi um nem dois não, foram vários lugares [...]” (CARVALHO, 2020).

A escola, enquanto principal mediadora, tem uma responsabilidade muito grande em relação à qualidade desses primeiros encontros das crianças e dos adolescentes com o teatro para garantir que o prazer dessa experiência estética e o desejo de repeti-la. Pois, como sabemos, o teatro, dentre outras coisas, contribui com o processo de alfabetização, de educação estética, amplia as formas de perceber o mundo, estimula a imaginação, semeia a esperança de dias melhores, mostra distintas respostas e diferentes pontos de vista para um mesmo problema.

De acordo com as pesquisadoras argentinas Ana Durán e Sonia Jaroslavsky, “[...]. As instituições de ensino constituem um lugar de ancoragem, porque são os espaços onde se encontram com os amigos e com eles fazem planos e passeios. [...]” (DURÁN; JAROSLAVSKY, 2012, p. 70, tradução nossa).

Em Sergipe, observamos que a presença de professores com formação em teatro ainda é pequena; inclusive, a Licenciatura em Teatro da UFS é relativamente recente, foi implantada em 2007, inicialmente na cidade de Laranjeiras e, posteriormente, em 2014, foi deslocada para São Cristóvão. As excursões para levarem os escolares para assistirem a espetáculos teatrais nos equipamentos culturais dos municípios também não são frequentes; ademais, o Estado conta com pouquíssimos edifícios teatrais.

Atualmente, a capital, Aracaju, tem somente com três teatros públicos em funcionamento: o Teatro Atheneu, fundado 1954, com capacidade para 800 pessoas; o Teatro Tobias Barreto, inaugurado em 2002, com capacidade para 1.328 espectadores; e o Teatro João Costa, inaugurado em 2014, com capacidade para apenas 100 pessoas. Aracaju dispõe de alguns outros espaços públicos que oferecem apresentações teatrais, como auditório e o átrio do Museu da Gente Sergipana, o auditório da Biblioteca Epifânio Dória, o auditório da Reitoria da UFS e alguns espaços alternativos independentes com capacidade variável entre 20 e 80 pessoas. Considerando o pouquíssimo acesso dos escolares aos edifícios teatrais, é praticamente inviável, por exemplo, pensar em um trabalho sobre as convenções teatrais e suas rupturas, pois a maioria dos jovens sergipanos não

conhece um teatro à italiana e, provavelmente, nunca teve contato com obras clássicas.

Em Sergipe, as temporadas teatrais são esporádicas e brevíssimas. O Museu da Gente Sergipana, inaugurado no final de 2011, mantido pelo Banco do Estado de Sergipe (Banese), em colaboração com Governo do Estado de Sergipe, é um dos poucos espaços públicos que promove temporadas mensais. Indubitavelmente, a carência de temporadas dificulta que os espetáculos em cartaz tenham, por exemplo, um grande público atraído pelo efeito do boca a boca e torna os grupos teatrais mais dependentes de investimentos em anúncios publicitários para atrair audiência.

A Cia de Arte Alese, com seu movimento de levar o teatro para a escola, em seus cinco anos de atividades, de acordo com as sinopses dos relatórios da companhia, atingiu diretamente 61.445 pessoas e, segundo afirmação da coordenadora do projeto, “[...] 50% delas nunca tiveram acesso ao teatro, nunca, entendeu? [...]” (CARVALHO, 2020).

As sinopses dos relatórios da Cia de Arte Alese revelam que esse alcance de público foi progressivo. No primeiro ano, em 2015, a companhia realizou 23 apresentações na Região Metropolitana de Aracaju, com o carro particular da coordenadora, e atingiu 2.815 pessoas. No segundo ano, em 2016, com maior suporte da Alese, a companhia efetuou 86 apresentações, em 11 municípios distintos, e atendeu 7.630 pessoas. No terceiro ano, em 2017, o grupo fez 106 apresentações, visitou 21 municípios e atingiu 9.050 espectadores. No quarto ano, em 2018, a companhia executou 80 apresentações, esteve em 28 municípios e atendeu 8.770 pessoas. No quinto ano, em 2019, o projeto realizou 82 apresentações, visitou 27 municípios e alcançou 33.180 pessoas.

Do ponto de vista da pedagogia do teatro, a partir das reflexões expostas por pesquisadores como Ingrid Koudela ([200-?]) e Flávio Desgranges (2010), compreendemos como projetos de formação de público, aqueles que estão voltados para a ampliação do acesso físico e incentivam a frequência ao teatro. Os projetos de formação de espectadores, por sua parte, além de proporcionarem o encontro do espectador com a obra, se empenham em viabilizar seu acesso linguístico, assim, com base em um trabalho de mediação teatral, concentram-se na apreciação e na leitura do espetáculo pelo espectador.

As peças, intervenções e esquetes teatrais da Cia de Arte Alese, certamente, incitam debates, sobretudo nas escolas onde se apresentam, a respeito dos temas

que abordam. Outrossim, “A apreciação de uma obra de arte não termina no final de uma apresentação: uma boa obra continua no corpo e no pensamento do espectador vários dias e, no melhor dos casos, é uma experiência que acompanhará o sujeito para toda a vida.” (DURÁN; JAROSLAVSKY, 2012, p. 177, tradução nossa). Mas, aparentemente, o projeto não está centrado em ações educativas em torno da linguagem teatral em si.

Acreditamos que o trabalho da companhia se aproxima muito mais da ideia de um projeto de formação de público do que de formação de espectadores. Ademais, em Sergipe, a formação de um público teatral ainda está em curso; pois o acesso da população ao teatro, visivelmente, é muito reduzido. De todo modo, proporcionar o contato com a linguagem teatral não é pouco. Ao levar o teatro para centenas de pessoas, ao longo desses cinco anos, a Cia de Arte Alese está cumprindo um papel primordial de democratização da cultura, está mostrando a apreciação teatral como um hábito possível de ser cultivado entre os jovens. Além disso, está estimulando a frequência a eventos teatrais e oxalá, em médio e/ou longo prazo, também está contribuindo com a formação de novos grupos de teatro (amadores ou profissionais), como confirma o seguinte depoimento de Mônica Moreira:

[...] Aconteceu uma coisa muito interessante [...] [em um] povoado de Monte Alegre. [...] Quando nós chegamos lá, eles fizeram uma surpresa pra gente. Os meninos fizeram uma leitura dramática, porque eles montaram um grupo depois que a gente apresentou [...] (CARVALHO, 2020).

A CIA DE ARTE ALESE E A PANDEMIA

Durante a pandemia da Covid-19, a companhia está trabalhando de modo remoto, então, os membros da equipe, em suas residências, estão realizando *lives* nas redes sociais, produzindo alguns vídeos curtos como parte do projeto nacional *Inumeráveis* - uma homenagem às vítimas da Covid-19 a partir de depoimentos de parentes e amigos, vídeos como *Um minuto de silêncio* - uma homenagem às vidas perdidas pela Covid-19, vídeos com alertas sobre os malefícios da fumaça das fogueiras juninas para os doentes de Covid-19, vídeos com recados para as mulheres que estão sofrendo abuso ou violência durante o período de isolamento social, vídeos com dicas sobre o combate do novo coronavírus (SARS-COV-2); assim como, por exemplo, postagens de apoio para o enfrentamento ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Além disso, o grupo também está disponibilizando algumas gravações de suas peças em

sua página no *Instagram* e está promovendo minicursos como Oficina de Leitura Dramática, com toda a equipe, e Poéticas do afeto: escritos na tragédia, com Euler Lopes. Aliás, segundo a coordenadora do projeto (CARVALHO, 2020), os professores das escolas onde a companhia se apresenta, sobretudo das áreas de Língua Portuguesa e Arte, com frequência, pedem a oferta de oficinas de teatro. Durante esse período de distanciamento social, a companhia também está realizando conversas on-line de Mônica Moreira com diversos artistas locais em que abordam temas como: a influência do cordel no teatro de rua, com Lindolfo Amaral (integrante do Imbuça); a influência da cultura popular no teatro, com Augusto Barreto e Artur Barreto (integrantes do Mamulengo de Cheiroso); as teatralidade e dramaturgias das quadrilhas juminas, com Lina Delé Nunes (Grupo HECTA) etc.

Os integrantes da Cia de Arte Alese, além das ações on-line supracitadas, estão buscando estratégias para se reinventarem enquanto artistas de teatro e o grupo seguir existindo; pois, a coordenadora do projeto acredita que, dificilmente, no ano que vem, ou seja, em 2021, será possível eventos com aglomeração de pessoas. “Nós não poderemos mais chegar em uma escola, como a gente chegava, e colocar 600 alunos dentro de um ginásio, todos sentadinhos, coladinhos uns nos outros, e a gente lá apresentando. [...]” (CARVALHO, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cia de Arte Alese, enquanto único elenco oficial de Sergipe, que recebe remuneração mensal por seu trabalho, é um dos poucos grupos teatrais profissionais da região. Essa condição de trabalho, privilegiada, de certo modo, mas não cômoda, para ser viável, demanda de seus integrantes não só uma grande habilidade de polivalência de funções e reaproveitamento de materiais para baixar os custos de suas produções como também requer enorme capacidade de adaptação para atuar em locais distantes e sem infraestrutura adequada.

A análise do trabalho desenvolvido pela companhia revelou que suas criações, de cunho predominantemente educativo, que abordam pautas relevantes e atuais, combinam procedimentos característicos tanto de processos coletivos como colaborativos. Além disso, para a realização de suas produções, a parceria com os demais grupos teatrais, especialmente de Aracaju, é imprescindível.

Considerando que, desde 2015, a Cia de Arte Alese se apresentou em mais de 50 municípios sergipanos, atingiu diretamente quase 62.000 pessoas e

promoveu o primeiro encontro de centenas de crianças e adolescentes com o teatro, concluímos que ela contribuiu de forma significativa para a área artística e cultural, para a formação de público no Estado e para o exercício da cidadania, sobretudo, dos seus jovens espectadores.

REFERÊNCIAS

BOTTO, Luciana. As Aventuras da Leitura: Trama que envolve redes sociais e livros. **Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe**. Aracaju, 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://al.se.leg.br/as-aventuras-da-leitura-trama-que-envolve-redes-sociais-e-livros/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BOTTO, Luciana. CIA de Artes da Escola do Legislativo na Brigada contra o Aedes Aegypti. **Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe**. Aracaju, 06 de maio de 2016. Disponível em: <https://al.se.leg.br/cia-de-artes-da-escola-do-legislativo-na-brigada-contra-o-aedes-aegypti/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CARVALHO, Mônica Moreira de. **Mônica Moreira de Carvalho**: depoimento [17 jun. 2020]. Entrevistadora: Yasmin Brenda Primo Rabelo. Aracaju, 2020. 1 arquivo mp4 (1:19:52).

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador. - 2 ed. - São Paulo: Hucitec, 2010.

DURÁN, Ana; JAROSLAVSKY, Sonia. **Cómo formar jóvenes espectadores en la era digital**: una experiencia desde el ámbito del Estado con adolescentes de las escuelas de la Ciudad de Buenos Aires y el teatro independiente. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Leviatán, 2012.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 2010.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **A ida ao teatro**. - [S.l.: s.n, 200-?]. - Disponível em: <<http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2020.

MELO, Juliana. “Não existe uma política de gestão para o setor de teatro”, lamenta o ator Jorge Lins. **Só Sergipe**. 21 de junho de 2020. Disponível em:



<https://www.sosergipe.com.br/nao-existe-uma-politica-de-gestao-para-o-setor-de-teatro-lamenta-o-ator-jorge-lins/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MELLINS, Murilo. Natal no parque. **Cumbuca**. Aracaju: Edise, ano 01, n. 4, dez. 2013, p. 04-09.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. - 2.ed. - 1ª reimpr. - São Paulo: Perspectiva, 2005.

Recebido em 05 de setembro de 2020.

Aprovado em 21 de dezembro de 2020.